



CCIDENTE



REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

XXXIII Volume

Redacção e Administração
Travessa do Convento de Jesus, 4

10 de Novembro de 1910

Composto e Impresso na Typ. do Anuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27

N.º 1147

Proclamação da Republica em Portugal



MACHADO DOS SANTOS

COMANDANTE DAS FORÇAS REVOLUCIONARIAS NA ROTUNDA DA AVENIDA DA LIBERDADE

CHRONICA OCCIDENTAL

As idéas, em Portugal, germinam, rebentam e florescem com uma surpreendente rapidez.

Em 1900, houve um homem que teve a inesperada coragem de apresentar ao parlamento português um projecto de lei instituindo aqui o divórcio. Esse projecto caiu de chofre sobre a monotona rotina parlamentar das discussões políticas, como uma granada num acampamento, pondo logo em alarme os espiritos fundamentalmente conservadores. Ainda a gente se lembra do pasmo em que esse projecto lançou a cerrada teia dos preconceitos e superstições canónicas que ainda cingiam o horizonte intellectual da nossa terra. Depois, a camara toda, maioria e opposição, refeita do choque inesperado, encolheu os hombros e entrou na ordem do dia, como se aquelle projecto não tivesse maior alcance do que os toques do campanario eleitoral.

O facto tinha porém em si um grande alcance, e já não podia ser supprimido. Animava-o um grande impulso de civilização, de justiça humana e de necessidade social. Era a semente lançada á terra.

Decorrem apenas dez annos, durante os quaes alguns homens de boa vontade agitam incessantemente, dia a dia, o debate da questão, e ahí temos já, decretada em lei, a obra d'esses benemeritos, e profundamente melhoradas por ella as nossas condições da felicidade social.

Agrada a todos a lei do divórcio?

Parece que ella só não deve agradar áquelles que, systematicamente, a combatiam, quando não se tratava ainda senão de um projecto.

Têm alguns jornaes mais bisbilhoteiros dado conta dos pedidos de divórcio que já ha formulados á sombra da nova lei, e por essa nota se vê que não se deu a esperada *corrida* de conjuges desesperados da indissolubilidade do matrimonio, tratando de aproveitar o mais depressa possível a facilidade que lhes trouxe, como uma das suas primeiras medidas, a joven Republica.

Resta saber agora quaes são as causas de divórcio que vêm fazer-se valer com mais *e urain*. Por enquanto, nada se sabe a este respeito, e esta ignorancia em que se mantem o publico não depõe senão em favor da classe dos senhores reporters, que não quizeram infiltrar-se tanto na vida alheia. Honra lhes seja! Quizessem elles sabê-lo, e nem o demonio teria artes de o evitar.

Precisamente no momento em que começavamos esta chronica, trazia-nos o correio uma carta que chega, como se costuma dizer, a talho de foice.

E' carta de uma senhora, e basta dizer isto para que lhe sejam dispensadas todas as atenções. Mas quando o leitor tiver visto, pelos proprios olhos, o que nessa carta se contém de bom senso, de justo sentimento, de elegancia espirital, então nos dirá que attenção especial ella não merece.

A signataria invoca, a proposito da lei do divórcio, aquella formosa figura da Simone Darcier no drama de Romain Caolus, achando que ella é perfectamente humana, e que está dentro da verdade como o peixe dentro da agua; e d'ella fala assim:

«... Bem sei que não se trata aqui de um mero sentimento de resignação forçada pelas circumstancias e que tantissimas vezes sella os labios da esposa ultrajada para que se lhe não escape por entre elles a minima queixa ou a mais disfarçada censura; toda a nossa estranheza brota do espanto causado pela attitude de Simone na hora terrivel das explicações, do: — sei tudo! Mas quem nos diz que, por trás de tantos casos que nos têm parecido extravagantes em familias alheias, que temos entrevisto ou que nos têm chegado aos ouvidos, já alterados por successivas narrações na aragem do — diz-se, — não se erguerá um vulto de mulher, altivo como o de uma deusa, dizendo ao marido as mesmas coisas que a formosa Simone diz ao seu? Sim, ellas existem, para gloria da mulher e prestigio do Amor, essas almas feitas de um só sopro divino, que sabem dominar os seus instinctos feminis, a sua vaidade, o seu amor-proprio, o seu desespero intimo e mais doloroso, para estenderem a mão firme ao infeliz transviado e trazel o para o seu caminho, não por amor d'ellas, mas para o bem d'elle. Não ha só lódo na terra que pisamos. Por entre os lamaçães enganadores, cobertos de vegetação attrahente e rasteira, ha caminhos seguros em que se póde andar sem medo de traição. As mulheres honestas não são raras, como a

litteratura nos quer fazer pensar; mas as mulheres que á honestidade alliem uma tão alta comprehensão dos seus grandes deveres, uma bondade tão perfeita como a de Simone Darcier, essas serão talvez mais raras, mas existem, porque, não só existe tudo que a imaginação do homem concebe, como casos exequiveis e logicos, como porque em todos os tempos e em todas as raças ha seres á parte, fóra do nivel das vulgaridades, capazes de raciocinar com limpidez e bom senso, mesmo nas horas de perigo e de tormenta, e capazes de mergulhar na onda mais temerosa, para salvarem um naufrago... Perguntará quem não conhecer o drama de Romain Caolus: qual o acto assombroso que, no dizer de tanta gente, collocou essa extraordinaria Simone Darcier fora da sua mesquinha contingencia de sêr humano, atormentado pelas torturas do ciúme e do amor?

O acto assombroso d'essa mulher é o de ter perdoado o adulterio do marido, não pelo modo lamuriante por que as mulheres perdoam, afinal, quasi sempre, taes delictos aos seus respectivos esposos, mas pela maneira altiva e nobre por que ella e faz, sepultando no fundo do peito o seu amor proprio offendido, obrigando ao silencio a queixa da sua carne ainda moça, para salvar o marido na hora em que o vê aniquilado, impondo-se-lhe como um guia moral, a estrella rutila a que elle deve obedecer e seguir cegamente na vida. E elle obedecerá, porque a linguagem que ouve o illumina e assombra. Não era certamente aquillo que elle poderia esperar. Simone fala-lhe como uma grande amiga; a esposa desaparece na treva do amor perdido...

Intelligente, ella percebe que as suas lagrimas seriam inuteis, pois bem diz o proverbio: nunca as lagrimas de uma mulher fizeram voltar o homem que a deixou... — e desdobra o seu coração, heroicamente, num sentimento feito pelo sacrificio, mantido pela razão: será uma irmã forte d'esse homem fraco, procurando, para salvá-lo, conduzi-lo para uma outra especie de amor, o amor que não illude, que não se vinga, que não deprime, mas que recompensa e fascina — o amor da sciencia! A alma da mulher que ama verdadeiramente tem profecias admiraveis. Simone não sentiu o golpe repentinamente, viera pouco a pouco, de desconfiança em desconfiança, de magua em magua, de certeza em certeza, preparando-se para a hora do desenlace, que afinal chega sempre na vida... Sentindo desaparecer o seu prestigio, ella relaxou a vista esparvida e viu os livros do marido, os companheiros fieis da sua mocidade, incitadores de sua gloria e esteios de sua fama. Elles fariam o que ella não pudesse fazer; as suas paginas teriam mais força do que os seus braços, as suas sentenças mais convicção do que as suas supplicas; elles salvariam o homem que ella sósinha não poderia repor no seu pedestal glorioso, só pelo clamor dos seus gritos ou pelo desafogo das suas maguas... Como toda a esposa, que não tem pelo seu marido só o amor vulgar, mas admiração pelo seu espirito e respeito pelo seu nome, Simone impõe-se o dever, sagrado e nobre, de fortalecer esse espirito num instante de crise em que elle poderia fazer sossobrar o brilho do nome, embora julgue não poder contar com a possibilidade de que elle volte a amal-a...

Mas voltará, e com um amor mais profundo, mais sincero e mais perfeito; um amor maravilhado, feito de amizade e de gratidão, que nunca mais o deixará arredar-se d'ella nem por um minuto.»

A carta não pára aqui, mas isto nos basta para o nosso caso.

Haverá em Portugal muitas almas femininas capazes da mesma heroicidade, da mesma devotada superioridade de animo, em que se desdobra a da esculptural ficção do dramaturgo francês?

Queremos crê-lo. De resto, quando falar a estatística, ver-se-ha. Ou muito nos enganamos, ou grande estalo dará na bóca dos nossos advogados a castanha do divórcio, se é que elles estão á espera, como se suppõe, de que todas as boas esposas atraçoadas bemdigam e se aproveitem da lei do sr. Affonso Costa!

JOÃO PRUDENCIO.



Um sujeito edoso vae a um barbeiro e manda reparar a cara. No fim, volta-se para o official e pergunta-lhe radiante:

— Diga-me cá, ainda pareço um velho?

— Não, senhor; agora parece uma velha.

Surge et ambula

A Machado dos Santos

— O' decrépito Lázaro Lendario,
Leão de primitiva garra forte —
Ouve! No escuro sem luar, sem norte,
Fala uma voz de timbre extraordinario.

E' a voz da Revolta, o rubro Hymnario,
A guiadôra fanfarra da cohorte
Que vai colher por um caminho vario
A flôr vital nos paramos da Morte.

Respira! Já tens ar, ó velho exangue!
Portugal! Já tens luz que é novo sangue
Nas côr's da madrugada que avigora!

Eia, ó leão, sacode a juba altiva,
E banha a fronte calma e rediviva
Nas florestas de luz da Nova-Aurora!

Lisboa, 15-x-10.

ANTONIO COBEIRA.



A proclamação da Republica em Portugal

Machado dos Santos

A revolução que proclamou a Republica em Portugal tem a sua historia heroica, como poucas revoluções a poderão registar, tão heroica pelos feitos que nella se praticaram, como pela isenção dos seus heroes, a quem o triunfo não fez esquecer, o respeito pelos vencidos e ainda menos o respeito da propriedade, pois foi de notar como essa grande massa de povo anonimo, da ultima camada do proletariado, elle mesmo guardou os haveres dos ricos, com um desprendimento e abnegação inaudita.

Foram heroes em tudo, dando o exemplo do mais completo civismo.

E' certo que as revoluções são sempre reveladoras de individualidades até então ignoradas e que a convulsão popular põe em evidencia. Em tre nós era geralmente ignorada a existencia de certas energias, no estado de abatimento a que tudo tinha chegado, e por isso maior foi a surpresa ao vêr surgir da revolução esse punhado de homens que, afirmando a valentia desta raça forte, acaso adormecida durante tantos annos, realisaram uma revolução que em poucas horas mudou as instituições politicas do seu país conquistando-lhe um novo regimen.

Desse punhado de homens, alguns houve que alcançaram as proporções de verdadeiros heroes, como o commissario naval Antonio de Azevedo Machado dos Santos, que as circumstancias collocaram á frente das forças revolucionarias, na falta inesperada do vice-almirante Candido dos Reis, que appareceu morto na rua, na propria noite da revolução, sem se poder precisar se fóra assassinado, ou se elle se suicidára.

Machado dos Santos, um simples commissario da armada, não era um official combatente, entretanto elle foi o general da revolução que organisou o campo de batalha no alto da Avenida da Liberdade, que dirigiu os combates, que animou com o exemplo os combatentes, naquella hora em que mais arriscado viram o triunfo e perdida a causa pela qual combatiam.

Houve efetivamente essa hora de hesitação, em que os revolucionarios se julgaram perdidos, pensando faltar-lhes o auxilio da marinha com o qual contavam, mas nessa hora, a energia de Machado dos Santos insuflou animo nos seus camaradas, reunidos em conselho, resolvendo baterem-se até morrer ou vencer. Machado dos Santos foi assim a alma da revolução, tendo sido o primeiro a reunir as forças revolucionarias e a conduzi-las ao triunfo da sua causa.

José Relvas

Ministro das Finanças

Como se disse já nestas columnas, o primeiro ministro das finanças do governo provisório foi o sr. Basilio Telles, o qual logo declinou o encargo por motivo de saude. Foi então convidado para aquella pasta o sr. José Relvas, que tomou posse no dia 12 de outubro.

O ministro das finanças é filho de Carlos Rel-

vas que foi um agricultor tão inteligente como uma alma de artista que se distinguiu quer na arte de equitação quer na fotografia. As páginas do OCCIDENTE estão cheias de reproduções de fotografias de Carlos Relvas, das mais distintas que esta revista tem reproduzido.

O sr. José Relvas, herdando essas superiores qualidades de seu pae, pois é um apaixonado amator das artes, especialmente da musica, juntou a esses dotes naturaes, estudos economicos e financeiros a que se tem dedicado.

Homem do seu tempo e vendo o descalabro da politica portugueza nos ultimos annos, não hesitou em se pôr ao lado dos que tentavam estabelecer o novo regimen, e com elles se empenhou tambem em propagar as ideias democraticas, em conferencias e comicios por todo o país.

A opinião publica recebeu bem a sua entrada para o governo provisorio, confiando na competencia que os seus vastos conhecimentos economicos lhe dão para a pasta que tem de gerir.

Espirito ponderado, desejando caminhar com segurança, está procedendo a sindicancias que ordenou, a todas as dependencias do seu ministerio, e estudando uma remodelação e reforma das contribuições, nas quaes inclue a extinção do imposto de consumo para os generos de primeira necessidade, assim como a da contribuição de renda de casas, imposto verdadeiramente iniquo contra o qual a opinião publica de ha muito se revolta.

Não se precipitando com medidas de efeito, o publico espera entretanto ver satisfeitas as reclamações por que ha muito clama sobre a administração das finanças, e que chegue em fim o momento de ellas se equilibrarem, o que, seguramente, se impõem como primeira necessidade a atender para a estabilidade e progredimento do novo regimen.

As grandes manifestações republicanas na cidade Porto

Na capital do norte, as manifestações do povo pela Republica não tem sido menos entusiasticas do que em Lisboa, como, de resto, em todo o país. Assim, ás aclamações com que no Porto foi acolhida a proclamação da Republica, expressadas no extraordinario regosijo publico, tem-se celebrado festas com o concurso de varias coletividades, como o grande cortejo que se realizou no dia 1 do corrente, promovido pelos soldados da 1.ª companhia da Guarda Fiscal, para a colocação de uma corôa de bronce no monumento funebre dos vencidos da revolta de 31 de janeiro de 1891.

Esse cortejo, formado na rua Nova da Alfandega e que percorreu as principaes ruas da cidade em direção ao cemiterio do Prado do Repouso, compunha-se do seguinte modo:

Quatro praças de cavalaria da Guarda Fiscal; banda de Infantaria 18; officialidade da Guarda Fiscal; companhias da mesma guarda, com os respectivos sargentos; cabos da dita guarda; escolas republicanas, com os seus estandartes; Associação de Classe dos Empregados do Comercio e Industria; Instituto Industrial e Commercial e Grupo revolucionario do mesmo estabelecimento; Centro Democratico de Mafamude; Centro de Instrução Alves da Veiga, com os respectivos alumnos; Centro Democratico Dr. Duarte Leite; Centro Republicano de Massarellas; Grupo dos Pechinchas Vilanovense, de Gaya; Grupo Democratico Mocidade Está Dito; Associação de Classe dos Fabricantes de Vassouras; Associação de Classe dos Refinadores de Assucar e Escola Elemental do Comercio, do Porto.

Fizeram-se tambem representar, sem bandeiras: a Sociedade Beneficencia 31 de Janeiro; Centro Simões de Almeida; Centro da Mocidade Republicana Intransigente; comissão paroquial de Santo Ildefonso; *landau* armado em estrado, tirado por cavalos brancos, lindamente ornamentado a sêda vermelha e verde, conduzindo a menina Branca Augusta da Fonseca, vestida de Republica e empunhando a bandeira bicolor, vendose aos pés da creança e sobre uma almofada, a corôa de bronze, da qual se desprendiam fitas de sêda das côres verde e vermelha, seguras por sargentos da Guarda Fiscal que ladeavam o carro.

Numerozo povo, que acudiu á passagem do

cortejo, foi-se-lhe juntando dando a maior impo-nencia aquella homenagem.

Dirigindo-se o cortejo, primeiro ao Governo Civil, a i lhe foi entregue pelo sr. dr. Paulo Falcão a bandeira de seda verde que pertenceu ao



JOSÉ RELVAS

MINISTRO DAS FINANÇAS

antigo 3.º batalhão da Guarda Fiscal, ao 2.º sargento sr. José Pires, por ser quem a empunhava quando da revolta de 31 de janeiro. O mesmo cortejo se dirigiu depois para os Paços do Concelho, onde foi arvorada a bandeira da revolução, aclamada com grande entusiasmo pelo povo ao som da *Portuguesa*, tocada pelas bandas, aparecendo a uma das janelas do edificio o sr. Miguel Verdial, um dos revoltosos do 31 de janeiro, e que fez um breve discurso muito aplaudido pela multidão.

Seguidamente dirigiu-se o cortejo para o cemiterio do Repouso, onde o sargento sr. José Pires colocou a corôa no monumento. Por esta ocasião discursaram os srs. sargento Moura, da Guarda Fiscal, e soldados n.ºs 25 e 294 da mesma guarda, e, por fim, o sr. Dionisio Ferreira dos Santos Silva, um dos da revolta.

Assim realizou o Porto mais uma manifestação, afirmando a sua solidariedade com o novo regimen.

Os bandos precatórios

A revolução deu logar a mais uma vez se afirmar o proverbial espirito caritativo do povo portuguez, lembrando-se sem demora dos infelizes que estariam sofrendo por terem perdido, na luta que se travou, os entes que lhe fossem amparo. Quantas viúvas, quantos orfãos, quantos velhos sem recursos, chorando a perda dos que lhe eram caros e lastimando a miseria em que se encontravam.

Então, por todo o país se abrem subscrições em seu favor, promovem-se festas em seu beneficio, e sahem bandos precatórios pelas ruas, esmolando para os que soffrem.

Sobem já a importante soma os donativos espontaneamente enviados ao Governo Civil assim como as subscrições iniciadas por diferentes coletividades, em que figura muito principalmente a da Associação Commercial de Lisboa, que se eleva a cerca de sete contos de réis.

Os bandos precatórios na capital tem-se sucedido, principiando pelo dos estudantes das escolas superiores, principalmente os da Politecnica, se-

guindo-se-lhes, os bandos dos sargentos do Ultramar, dos Obreiros do Trabalho, e de uma comissão de senhoras, em que se encorporaram alumnos da Escola Marquês de Pombal e de outras.

Estes bandos da cidade assim como os de outras terras do país, tem obtido quantia superior a dez contos de réis, o que, junto ás subscrições e produto da tourada no Campo Pequeno e recitas em favor das vitimas, deve poder proporcionar-lhes um certo linitivo á sua desgraça.

O exílio da Família Real

Em o numero antecedente desta revista se referiu á partida da familia real para o exílio, e á chegada da Senhora D. Maria Pia a Spezia, bem como á do Sr. D. Manuel, sua mãe e Sr. D. Affonso a Wood Norton.

Com respeito á Senhora D. Maria Pia, a quem o rei Victor Emmanuel destinou para residencia a *Villa de Pogio*, em Caiano, a que tambem nos referimos em o numero antecedente, refere um correspondente do *Giornal de Italia* uma entrevista que teve com o sr. Balmondo, comandante do *Regina Elena*, que conduzia a ex-rainha a Spezia. Dessa entrevista extratamos o que segue:

O sr. D. Affonso acompanhou a bordo do *Regina Elena* sua mãe, e ao despedir-se, deveras comovido, beijando-a na testa, pediu ao comandante Balmondo que tivesse os maiores cuidados com a veneranda senhora.

O comandante assim o prometeu e então o Duque do Porto apressou-se a sahir do couraçado, que logo levantou ferro.

A Senhora D. Maria Pia acompanhada pela sr.ª marquês de Unhão e 1.º tenente Victor Sepulveda, recolheu á luxuosa camara, que o comandante lhe ofereceu, onde permaneceu durante a viagem, só deixando os seus aposentos para vir á mesa.

A viagem foi magnifica até ao Golfo de Leão, ali, porém, o balanço do navio fez enjoar a sr.ª marquês, que passou bastante encomodada. A Senhora D. Maria Pia resistiu melhor ao enjôo, almoçando á mesa com o comandante, tenente Sepulveda e um official.

A Senhora D. Maria Pia convidou depois todos os officiaes do couraçado para a mesa e com elles conversou muito afavelmente sobre coisas de Italia, recordando a sua mocidade e manifestando o desejo de fixar residencia na capital meridional, cujo clima temperado é mais favoravel



O SARGENTO SR. JOSÉ PIRES
IMPUNHANDO A BANDEIRA DA REVOLUÇÃO
DE 31 DE JANEIRO DE 1891

Proclamação da Republica em Portugal

ao seu estado de saude. Quando a conversação incidia sobre a revolução de Portugal, a ex-rainha nada dizia, e apenas uma vez soltou estas palavras: «é doloroso ter que abandonar a patria adotiva depois de quarenta e oito annos. Consolame unicamente a lembrança de ter querido sempre muito a Portugal, de ter derramado muito bem e de ter cumprido todos os meus deveres.»

São de notar as seguintes coincidencias: A Senhora D. Maria Pia desembarcando em Gibraltar a 6 de outubro, completavam-se nesse dia qua-



NO PORTO — O CORTEJO DO DIA 1 DO CORRENTE NA PRAÇA DE D. PEDRO, EM FRENTE DOS PAÇOS DO CONCELHO

renta e oito annos que, em Lisboa, casava com El Rei D. Luiz. No dia 16 de outubro, em que partiu de Gibraltar, passava o 63.º anniversario de seu nascimento, e no dia 19, em que desembarcou em Spezia, faziam 21 annos que enviuvara. E' extraordinario!

Com respeito ao sr. D. Manuel e sua mãe, hospedados no palacio dos duques de Orleans em Wood Norton, têm sido ali muito visitados pela aristocracia inglesa, procurando o rei destronado, no meio da tristeza que o invade, distrair-se com alguns passeios e caçadas



EM LISBOA — O BANDO PRECATORIO DOS ESTUDANTES
(Cliché da «Mala da Europa»)

O exilio da Família Real Portuguesa



EM GIBRALTAR—O REI DESTRONADO E SUA MÃE, SAHINDO DA MISSA DA EGREJA DE SANTA MARIA COROADA

nos parques de Wood Norton. Ali os foi visitar o rei Jorge V e a rainha Maria de Inglaterra, no dia 28 do mez passado.

Os reis de Inglaterra chegaram a Evesham ao meio dia, sendo recebidos pelos duques de Orleans e conde Grammont. Em seguida, partiram em automoveis para Wood Norton, onde eram esperados pelo sr. D. Manuel e Senhora D. Amelia, havendo um almoço intimo.

Os soberanos inglêses retiraram de tarde para Londres.

Destroços produzidos pela revolução em algumas propriedades de Lisboa

Entre as casas que mais sofreram com o fogo da artilharia nos dias da revolução, nota se a do sr. Henrique José Monteiro de Mendonça, na rua Marquês de Fronteira, que foi um verdadeiro alvo das granadas.

A colocação especial desta magnifica casa, recentemente construida naquelle ponto elevado, proximo da Penitenciaria, onde a bateria de Que-

luz tomou posição para fazer fogo sobre o acampamento da Rotunda, é que deu motivo aos grandes destroços que sofreu, tendo cahido sobre ella muitas das granadas disparadas da artilharia do acampamento dos revolucionarios sobre aquella bateria.

As granadas abriram grandes buracos nas paredes, chegando a penetrar no interior da casa onde destruíram muitos moveis, com grande risco de incendio e da vida das pessoas que lá estavam. A quantidade de projecteis encontrados de-



PALACIO DOS DUQUES DE ORLEANS EM WOOD NORTON, ONDE SE ENCONTRAM HOSPEDADOS O SR. D. MANUEL, SUA MÃE E O SR. D. AFFONSO



A VILLA DE PAGIO, EM CAIANO, ONDE A SENHORA D. MARIA PIA VAE RESIDIR

pois dentro de casa foi consideravel e constitue um curioso museu de triste recordação para a familia do sr. Henrique de Mendonça.

Ficou tambem destruido parte do portão do parque da casa, que é uma das melhores de Lisboa, e que foi premiada com o premio Valmor, este anno.

Sentimos bastante o desgosto que o sr. Henrique de Mendonça, nosso presado amigo, terá tido por vêr tão lamentaveis destroços na sua bella e artistica casa de habitação.

Outras casas ainda ficaram tambem muito aruinadas, muito especialmente as mais proximas do quartel de artilharia 1, a Entremuros.



Reconhecimento da Republica Portuguesa pelas potencias estrangeiras

(Concluido do numero antecedente)

O *Matin*: Póde dizer-se que o novo governo acaba de dar uma prova dum espirito de boa ordem e de providencia muito notaveis.

Os preparativos do partido republicano para assegurar o successo do movimento demonstram que á sua frente se encontram homens de primeira ordem e estreitamente unidos.

O *Petit Journal* diz que os centros politicos franceses se ocupam do reconhecimento da Republica em Portugal e julgam necessario regular a attitude da França pela da Inglaterra, seguindo o seu exemplo, em razão do carater intimo das relações dessa potencia com Portugal.

L'Aurore: Portugal encontrará na Europa liberal o apoio que tem direito a esperar. E' uma regeneração completa que se trata de empreender. A tarefa é — não ha duvida — ardua. Mas não é superior á força daquelles que, para salvar o seu paiz, acabam de fazer uma revolução.

Em Espanha uma grande parte da imprensa, entusiasmada com a extraordinaria revolução de Lisboa, mostra-se favoravel á Republica Portuguesa.

A situação especial da Espanha para com Portugal, não permite, é claro, que a sua imprensa se manifeste claramente, o que não

impediu que o povo de Madrid quizesse desde logo manifestar publicamente o seu regosijo pela proclamação da Republica em Portugal, manifestações que o governo reprimiu.

No parlamento, o deputado republicano Azarate interpelou o governo sobre aquellas represões e disse que a Espanha deve observar a mais estrita neutralidade sobre a mudança do regimen em Portugal.

O imprensa italiana liberal e mesmo alguma da conservadora mostra-se favoravel á Republica Portuguesa, manifestando, a sua admiração pela

fórma como se operou a mudança do regimen e rapido triunfo da revolução.

O governo italiano aguarda o procedimento das outras potencias para regular o seu modo de proceder no mesmo sentido.

Do Brazil:

A assembleia legislativa do Rio de Janeiro ao saber da proclamação da Republica em Lisboa, suspendeu os seus trabalhos em sinal de regosijo e o presidente, sr. Edwiges de Queiroz, enviou um telegrama de felicitações ao governo provisório.

O sr. dr. Costa Motta, ministro do Brasil, em Lisboa, communicou ao governo provisório da Republica, o seguinte telegrama que recebeu do seu governo:

«Autoriso V. Ex.^a em nome do presidente da Republica a manter relações com o governo provisório de Portugal e a informal-o de que o reconhecimento do novo governo, pelo Brasil, será feito quando possamos saber que a nova fórma de governo tem o apoio da maioria do povo português — *Rio Branco*.»

O sr. dr. Costa Motta, ao comunicar este telegrama ao sr. ministro dos Estrangeiros, sr. dr. Bernardino Machado, disse já ter informado o seu governo naquelle sentido, para que o reconhecimento da Republica Portuguesa pelo Brasil se verifique sem demora.

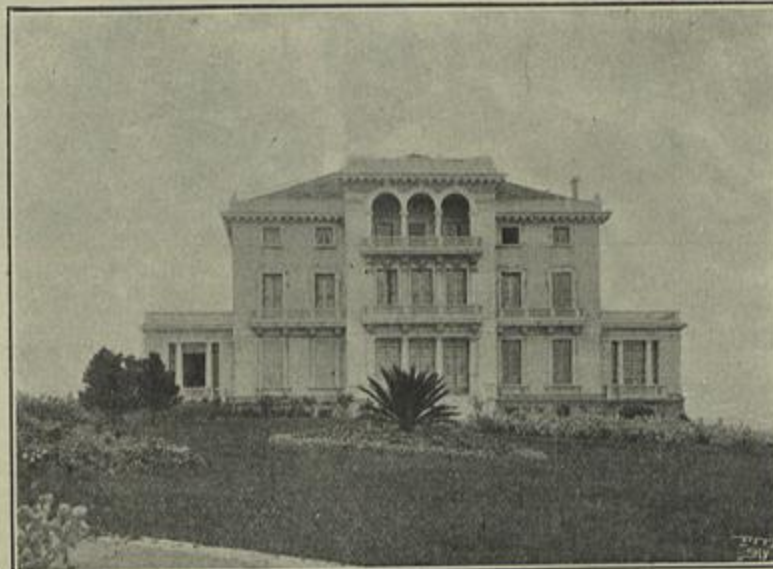
Efetivamente no dia 22 de outubro o sr. dr. Costa Motta communicava ao sr. ministro dos estrangeiros dr. Bernardino Machado, o seguinte telegrama:

«Recebi ordem telegrafica de comunicar a Vossa Excellencia que o Senhor Presidente dos Estados-Unidos do Brasil, desejando não tenham interrupção as antigas relações officias e de boa intelligencia entre Brasil e Portugal, e querendo dar testemunho do vivo empenho da Nação Brasileira e seu governo em estreitar cada vez mais a amizade que tão felizmente tem subsistido entre os dois países, assinou hontem a carta que me acredita no carácter de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario junto do governo da Republica Portuguesa. Essa credencial será expedida do Rio de Janeiro pela primeira mala.

Muito honrado pela grata missão que me é confiada e em que espero merecer a confiança e benevolencia do governo português, uno os meus votos aos que o Brasil inteiro faz pela felicidade da nobre nação portuguesa e do seu governo e pela prosperidade da nova Republica.

Aproveito com prazer este primeiro ensejo para ter a honra de apresentar a Vossa Excellencia os protestos da minha mais alta consideração.

J. P. da Costa Motta.»



A CASA DO SR. HENRIQUE DE MENDONÇA NA RUA MARQUÊS DE FRONTEIRA ALVEJADA PELA ARTILHARIA DURANTE A REVOLUÇÃO



DESTROÇOS CAUSADOS PELAS GRANADAS NO ULTIMO PAVIMENTO DA CASA DO SR. HENRIQUE DE MENDONÇA E NOS PORTÕES DO PARQUE

A Republica Helvetica foi a primeira a reconhecer a Republica Portuguesa.

O sr. ministro da Argentina, comunicou, no dia 24, ao sr. ministro dos estrangeiros, que o governo daquella Republica remetia pela primeira mala, as cartas credenciaes do enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do seu país junto do governo provisorio da Republica Portuguesa, reconhecendo assim as novas instituições portuguezas, permitindo desde já tratar com o novo governo de importantes assuntos pendentes entre os dois países.

O governo da Inglaterra está tratando, de acôrdo com a França e a Alemanha, do reconhecimento da Republica Portuguesa, para que este se realice sem maiores delongas.

A' ultima hora chega-nos a noticia de que a Inglaterra, França, Espanha e Italia enviaram autorisação aos seus ministros em Lisboa para tratar negocios com o governo provisorio da Republica.



Esboço de uma Philosophia de Arte

O reitor do lycêu nacional de Leiria, em 20 de abril ultimo, na Associação dos Jornalistas de Lisboa, realisou uma conferencia subordinada ao titulo que encima estas linhas, dada a lume pela Livraria Classica Editora, de A. M. Teixeira & Ct.^a

Moço ainda, incontestavelmente rico de talentos, honra o nome illustre de que usa, identico ao do seu deusas notavel progenitor, — José Julio Rodrigues!

O novo José Julio Rodrigues, sem ter aquella robusta imponencia do fallecido lente da Escola Polytechnica, do conferente de *Coisas Portuguezas*, no salão do Theatro da Trindade, em junho de 1884, do sympathico e sabedor presidente e vogal dos jurys de exames no antigo preparatorio denominado, a Introducção á Historia Natural, mostra e accusa na typica physiognomia a tonalidade formal e captivante do seu finado pae. Como elle professa a physica, a chimica, ciencias naturaes, magisterio official e tambem como elle já revelou aspirações largas, vehementes, de genuino patriotismo.

Até ha poucos dias apenas conhecia de José Julio Rodrigues, filho, o relatório *O Ensino das Sciencias na Belgica*, publicado em appendice ao *Diario do Governo* pela direcção geral da Instrucção publica secundaria, superior e especial e *Um typo de installação pratica de sciencias*, inserto no annuario do lycêu alludido, que teve publicação no anno corrente.

Qualquer d'estes dois citados trabalhos constitue um documento profissional de boa pedagogia, em alliança com irrecusaveis provas de firmeza de observação pessoal e de seguro criterio.

Ahi, apparece e avulta o professor estudioso, que sente justa repugnancia pelos processos retrogrados de sobre-carregar memorias e de incompreensão absoluta dos factos e das cousas! O que sustenta escrevendo, traduzil-o-ha praticamente na cathedra do magisterio? Não sei; entretanto, por circumstancias especiaes de contacto official affirmo, sem hesitar, que é um mestre que demonstra empenho e solicitude no seu apostolado, na causa nobre da instrucção e educação portugueza.

Ao *Esboço de uma Philosophia de Arte*, surge a evolução por entre a luz de erudição enorme a feição predominante, o typo caracteristico de uma poesia espirital, orientada por um cerebro que não está vazio e onde, muito pelo contrario, irrompe e abre caminho a faisca da inspiração, rutilam ideias originaes.

N'esta esphera elevada da Arte, verdadeiro templo augusto de eleitos em que o homem por fim chega a transcender-se e paira, olvidando o mundo e o ser, na mysteriosa região do Além, n'esta esphera elevada, repito, José Julio Rodrigues denuncia-se partcipe do fogo ardente, interprete convicto das sonhadas bellezas, sentimentalidade fidelissima, verbo delicado a traduzir a sentimentalidade!

Eis, em resumo, o summario da conferencia, que abrangeu duas partes — *A Esthetica Classica e A Esthetica Moderna*:

1.º — Questões primaciaes (Definições — typos da Esthetica classica);

2.º — A essencia impressionante — (O fim da Arte tal como ella sahe d'essas definições: o Bello classico);

3.º — A massa impressionada á luz das theorias modernas — (A complicação da psychologia no mundo de hoje);

4.º — Uma secção no terreno das ideias — Ideias profundas... evocaveis ou difficilmente atingidas);

5.º — A personalidade filtrando e modificando o thema inspirador — (Reacção do thema sobre o espirito... genese da obra d'arte. Theoria do estylo. Influencia na obra de arte dos factores despresados. A acção soberana do Inconsciente. Theoria da personalidade. Sobre esse eixo a transposição dos pólos da esthetica.

Os themas universalmente inspiradores.)

José Julio Rodrigues percorre esta gamma soberba, accentua-lhe com precisão os tons admiraveis e fecha as suas *Conclusões* com esta chave não occulta:

«Na Arte como na Vida passou a aza sombria do desalento e do pessimismo.»

Aqui, em Portugal, causa deusas pasmo e assombro que assim tenha sido; mas, assim é, com effeito, sem embargo do feiteiro encanto do sol que nos illumina e aquece, das brisas do amplo mar que nos osculam e animam, das paisagens de arrebatadora magia que as auroras tingem divinamente e as noites estrelladas vaporizam e alludam com peregrina candura!...

Como pôde abstrahir da Arte, um povo embalado a partir do berço até á hora final do Além por mãos de fadas invisiveis, que entornam a flux no ambito onde respira delicias aromaticas e balsamos dulcissimos, que lhe dão ao solo que o alimenta a uberrima fonte inexgotavel e imprimem ás correntes brandas dos rios, que o retratam e espelham nos seus crystaes prateados, a cadencia harmoniosa dos sons mysticos e arroubantes que, n'uma palavra, pincelam de ouro e esmaltam de pureza a diurna alvorada esplendente, e tangem lyras cujas cordas echôam e desatam cantares nas almas amoraveis, esmorecem e se renovam nas anfractuosidades e nos reconcavos de todo este formoso paiz, querida patria, ninho de navegadores outr'ora, prestes hoje talvez a sossobrar nas vascas da procella desastrosa e inclemente do tempo ingrato, por escura bastardia?!...

Esboço de uma Philosophia de Arte! Isto sim; isto enleva, sublima, arranca do lodo terreno para as claridades purificadoras em que o pensamento assume sobrehumana realza e os sentidos se embriagam pela fascinação do Infinito, pela etherea musica de extranhos accôrdes!...

Musica! esta palavra leva-me a fazer referencia a um livro de José Julio Rodrigues, que eu li de uma assentada, não obstante o seu texto exceder o limite respeitavel de 400 paginas.

Quereis saber, leitores amigos, o titulo d'esse livro, o registro baptismal d'essa obra? *A Musica de Wagner*, o allemão famoso que sacode e agita o ente racional na sua essencia intima, deslumbra e provoca lagrimas, causa pavor e espanto, mas humanisa e amacia, quebranta e torna moral!

Em *A Musica de Wagner*, o moço José Julio Rodrigues, então com doze annos de menos, é já o illustre conferente que, pela Liga de Educação Esthetica, produziu a nova partitura (consinta-se-me a expressão) por elle denominada *Esboço de uma Philosophia de Arte*, fecunda prova de continuidade primorosa, eloquencia authentica de talento consolidado.

Felicito-o com sincero applauso, mas temo, e não devo abster-me de o dizer, que a sua envergadura cance é desista de proseguir, ante a mesquinhez tancha da mediocridade alvar e da estulta inveja dos que se arreceiam do alheio e intenso fulgor!

D. FRANCISCO DE NORONHA.



O MEZ METEOROLOGICO

Agosto 1910

Barometro. — Max. altura 768^{mm},4 em 21 e 22.
> Min. > 758^{mm},9 em 7.

Termometro. — Max. altura 34^º,8 em 12.
> Min. > 15^º,4 em 30.

Poucos foram os dias de grandes calores, notados neste mez, pois apenas, durante 6 dias, o termometro subiu a cima de 30^º.

Nebulosidade. — Céu limpo ou pouco nublado 24 dias.

> Nublado 7 dias.

Chuva — 1^{mm},8 em 5 dias.

Vento dominante — N N W.

A casa submarina

por

Max Pemberton

(Continuado do n.º 1141)

Só ficavam dois inimigos com quem lutar, e emquanto um d'elles arremeteu com Dolly Venn, Peter Bligh agarrou o outro pela cintura n'um abraço de urso, que faria qualquer espectador julgar que o tinha morto.

— Agarra-o bem, Peter, agarra-o bem! — gritei com o sangue a ferver-me.

Mas não era precisa a recommendação nem ajudar Peter.

— Precisaré amanhã de uma dentadura nova — disse elle sacudindo o adversario como um cão sacode um rato. — Vamos para diante, capitão, a faina começou agora.

Não quiz ouvir mais e precipitei-me sobre o outro que atacava Dolly Venn, julgando que este precisasse de auxilio, mas enganei-me.

Era um quadro digno de vêr-se, Dolly pulando em volta do hollandez ao mesmo tempo que lhe atirava valentes sócos ao estomago e á cara, o homunculo grunhia como um porco, e cada vez que parava para respirar, Dolly acommetti-o de novo com a rapidez d'um raio, deixando-o prostrado, até que por fim deitou a correr pelo corredor fóra.

Custou bastante a deter Dolly que desejava ir-lhe no encaço.

— Para a outra vez será — gritei — para a outra vez será, homem, temos coisas mais importantes a fazer agora. Ali está Peter bastante occupado, como vês. Ainda quer mais, esse? — perguntei a Bligh.

Respondeu-me apontando com um dedo para o homem que estava estendido a seus pés, completamente immovel.

Peter tinha feito bem o seu dever.

A casa de Czerny estava agora á nossa disposição.

— Todos juntos, rapazes — disse eu guiando-os alegremente, — todos juntos e vamos a sahir da sombra quanto antes. Temos que fechar outras portas e, se o conseguimos, creio que terei ganho esta noite a partida a Czerny.

A idéa de que assim fôsse, era sufficiente para me entusiasmar, principalmente pensando que isso concorria para a liberdade de miss Ruth e para a nossa; e tudo isto deveria fazer-se nas poucas horas de que dispunhamos.

— Qual é a escada de ferro por onde costumam entrar os teus companheiros? — perguntei ao italiano.

O pobre homem assustára-se bastante ao presenciar a lucta com os tres piratas; mas vendo a nossa resolução e desejando tambem ajudar-nos (soube depois que tinha tambem uma vingança a pagar a Czerny) respondeu-me com muito boa vontade:

— A escada é aquella que parte da segunda porta, capitão. Mas porque me pergunta isso, se ninguem poderá subir por ella? Já lhe disse que dois homens armados a defendem. De que lhe servirá a chave quando aquelles homens a vigiam, e estão promptos a morrer no seu posto?

— Isso veremos, — respondi armando o revolver e dirigindo-me para a porta que Regnarte me indicára.

Era uma porta de ferro que abria para dentro d'um pequeno encaixe aberto na rocha viva. Ao principio não pude descobrir nada

quando entrei na caverna, mas os olhos fôrãram-se acostumando àquella escuridão, e vi, primeiro, coisas confusas. Depois, dei uns passos mais e olhando para cima, reparei então n'uma especie de chaminé aberta na rocha e lá no tópo, as estrellas brilhando sobre a minha cabeça.

Encontrava-me portanto, na segunda porta da casa de Czerny, a porta do mar, ou porta pequena pela qual se serviam os seus homens.

Como na parte da habitação onde estava miss Ruth, a rocha elevava-se acima do nível do mar mesmo nas marés mais altas, e onde

havia uma porta que era preciso fechar por força, se queriamos ganhar a partida.

E quem se atreveria a fazel-o, tendo a defendel-a homens armados, e sabendo que seria uma morte certa se as sentinellas dessem pela nossa presença?

Mas tinha de se fazer. Alguem havia de subir pela escada e fechar aquella entrada.

Descalcei as botas ao pé da escada, metti o revólver no cinturão e disse muito em segredo a Peter Bligh:

— Isto — e mostrei-lhe uma das chaves de Regnarte — isto abre as portas de ferro que se encontram lá em baixo. Se me succeder alguma desgraça, vae ali direito e occupa o



CASA SUBMARINA, CAP. XVII — Atirava-lhe tamanho sóco á cara...

meu lugar. Defende-as todo o tempo que possas e que o teu bom senso te ditar. Póde ser que Mr. Jacob volte com o barco. E' esse o meu maior desejo.

Disse-me que sim com a cabeça, mas julgo que comprehendeu tanto o que eu dizia, como o comprehendem as meias que eu trazia calçadas, ficando a olhar-me silenciosamente quando puz o pé no primeiro degrau da escada.

Vi um momento o meu companheiro, á luz indecisa da caverna, e logo, pensando só na minha empresa e na importancia que tinha para aquelles que confiavam em mim, fechei a bôcca para conter a respiração e continuei o caminho.

O que não comprehendia é como esses homens não ouviam os gritos e o barulho que os seus companheiros faziam, e porque não acudiam a soccorrel-os; mas logo pensei tambem, que o tubo da chaminé por onde eu estava subindo, abafava todos os sons interiores.

Não era por isso de estranhar que as sentinellas nada tivessem ouvido, pois tinham fixa toda a sua attenção no naufragio, no saque e mais horrores que n'aquella noite se praticavam na ilha de Ken.

(Continúa).

RICARDO DE SOUZA.

Casa de Saude Portugal e Brazil

Estrada de Bemfica (Bairro Heredia)

Recebe doentes de medicina e cirurgia que se podem tratar com **medicos de sua escolha** e fazer-se acompanhar de pessoas de familia. Secção especial de **doenças nervosas**, dirigida pelo professor EGAS MONIZ. Teleph. 65 (BEMFICA)

O director gerente: **Dr. Gomes de Amorim**



COUTO ALFAIATE

Novas installações d'este atelier

Este atelier que por muitos annos esteve na rua do Alecrim, está montado com todos os requisitos modernos, e sortido com as ultimas novidades de Paris e Londres.

RUA DO LORETO

Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1. (á Praça Luiz de Camões) — LISBOA

TELEPHONE 1815



CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis

Collegio Francôz

Instituto primario e secundario

Auctorizado por Alvará Regio de 25 de julho de 1904

Rua de Nossa Senhora do Resgate, 6 (Avenida D. Amelia)

|| LISBOA ||

EDIFICIO PROPRIO E ESPECIALMENTE CONSTRUIDO PARA COLLEGIO

Matricula permanente de alumnos internos, semi internos e externos, em todas as classes de instrucção primaria, curso dos lyceus, curso pratico do commercio, gymnastica, esgrima, musica, dança, etc.

Achando-se este instituto installado em edificio, que foi propositadamente construido para collegio, as suas condições satisfazem todas as exigencias da pedagogia e hygiene moderna. Dispõe de vastissimas aulas, amplos e arejados dormitorios, magnifico refeitório, casa de banho com todas as comodidades e um excellente parque para recreio dos alumnos.

O corpo docente é composto dos mais auctorizados professores e os magnificos resultados dos exames, todos os annos são a mais segura garantia da nossa solicitude e escrupulo na escolha do professorado.

Enviã-se pelo correio prospectos do collegio, regulamentos e tabella das refeições.

O director e proprietario — ALFREDO DA COSTA E SILVA (Nomeado director por Alvará de 28 de dezembro de 1903)